

ABERTURA

O ENSINO DA MATEMÁTICA – SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS

MANUEL LOPES PORTO*

Minhas senhoras e meus senhores

Tem para mim um significado muito especial falar na abertura deste Seminário, sendo o primeiro que se realiza desde que tomei posse. Estive numa outra realização similar, já eleito mas não empossado, a Sessão Comemorativa dos 15 anos do Conselho Nacional de Educação (CNE), na qual, ouvindo os Presidentes que me antecederam, senti de um modo reforçado a honra e a responsabilidade que passei a assumir.

De permeio foram decorrendo os trabalhos normais, designadamente os trabalhos de avaliação de iniciativas legislativas, numa função que em nada foi alterada com a estrutura actual do Governo. Nos termos legais, o CNE exerce as suas funções em relação aos dois Ministérios, o Ministério da Educação e o Ministério da Ciência e do Ensino Superior. Assim tem vindo a acontecer de um modo permanente, sendo de registar a honra que temos tido com a presença frequente dos titulares das pastas e com o reconhecimento público do mérito dos nossos trabalhos.

Quem entra neste edifício e vê a estante com os trabalhos já publicados não pode deixar de ficar impressionado com o labor levado a cabo ao longo dos anos, reflectido em publicações contendo não só os Pareceres e as Recomendações de cada ano como também os resultados de Seminários e Estudos realizados.

Pode dizer-se que não há nenhum grande tema que não tenha sido já objecto do interesse do CNE, proporcionando sobre cada um deles uma informação e uma reflexão criteriosas e independentes. Eu próprio tenho sido beneficiário desta produção, quando procuro esclarecer-me acerca de algum tema na área da Educação.

* Presidente do Conselho Nacional de Educação

Procurando alargar o benefício que deve ser proporcionado, o Senhor Secretário-Geral e eu vamos fazer aliás um grande esforço para que as edições do CNE tenham uma divulgação maior. Trata-se de um esforço que se alargará para além das fronteiras do nosso país, em particular aos países lusófonos, julgando que será enriquecedora a permuta de experiências na área da Educação que possa verificar-se. Com esta divulgação presta-se ainda uma justíssima homenagem a quem nos antecedeu e a todos os que têm vindo a trabalhar no CNE, a quem se deve, naturalmente, o trabalho realizado até agora.

Já com a minha presença, além de se dar sequência em Seminários à discussão de trabalhos que vêm de trás, temos como primeira iniciativa o Seminário de hoje, sobre *O Ensino da Matemática – Situação e Perspectivas*, a que se seguirá o Seminário *Educação e Produtividade*, em 3 de Abril do corrente ano.

Sendo licenciado numa área bem diferente, em Direito, sou modestamente tributário de algum conhecimento de Matemática por me dedicar a problemas de charneira com a Economia, mesmo de Economia. Mas, muito para além disso, como qualquer cidadão não posso deixar de ser especialmente sensível à problemática do Ensino da Matemática em Portugal.

Trata-se de uma ciência que tem um enorme relevo formativo e que é indispensável à compreensão das matérias mais diversas, da Economia à Física ou à Engenharia: por isso se compreendendo que faça parte dos primeiros anos de qualquer formação educativa e que, em muitos casos, continue a ser indispensável nas formações universitárias mais avançadas.

Sendo assim, tem de suscitar a maior preocupação o conhecimento dos resultados escolares em cada ano, de um modo geral acentuadamente abaixo de todos os demais. São por consequência resultados que em muitos casos determinam as escolhas dos cursos a seguir e das profissões a desempenhar. Há desde logo um menor número de candidatos a licenciaturas em que se exige Matemática, muitas pessoas não realizando por isso o sonho que tinham e não dando o contributo social que poderiam e

gostariam de dar. Pelo contrário, afluem a licenciaturas que não têm Matemática pessoas que não estão vocacionadas para elas, com uma frustração de realização pessoal que permanecerá por toda a vida.

Dado o relevo desta disciplina, o mau aproveitamento verificado em Portugal acaba por ter consequências na formação básica das pessoas, num mundo de competitividade em que se exige uma preparação cada vez maior. É uma preocupação que tem de estar especialmente presente no momento actual, de alargamento da União Europeia (UE) e de aumento da globalização.

Os países que passarão a ser membros da UE no próximo ano têm já hoje uma escolaridade superior à da UE-15, em currículos onde a Matemática ocupa um relevo de grande importância. Poderá dizer-se que se trata de formações clássicas, menos viradas para uma economia de mercado; mas a formação aprofundada assim verificada cria condições para que rapidamente dêem passos nos domínios mais exigentes da competitividade, da gestão à tecnologia aplicada. E para além da UE há um espaço mundial a que felizmente estamos cada vez mais abertos, não podendo o confronto deixar de ser feito também com a preparação proporcionada por exemplo nos Estados Unidos da América ou em alguns dos países asiáticos.

O documento de Pisa veio apenas documentar o que já era conhecido, a posição secundária que tem vindo a ser ocupada pelo nosso país. Há que dar pois uma resposta que não pode ser protelada.

Na organização deste Seminário procurámos juntar pessoas com experiência em várias formas de abordagem e em vários graus de ensino. É uma organização que fica a dever-se ao Senhor Secretário-Geral, tendo-me quedado para dar uma ou outra achega. A ele é devida, pois, uma palavra de agradecimento, bem como aos serviços do CNE que o apoiaram desde o início.

